



A Representação Midiática da Homossexualidade na Pós-modernidade¹

Flávia Celeira CORTEZ²
Natália Cardoso RODRIGUES³
Paola Maíra Gomes CARACCILO⁴
Rosaly de Seixas BRITO⁵
Tomaz Affonso PENNER⁶
Universidade Federal do Pará, Belém, PA

Resumo

O trabalho busca fazer uma análise reflexiva e crítica da representação da homossexualidade na mídia brasileira contemporânea. Com suporte em teóricos pós-modernos, principalmente, foram analisadas telenovelas e programas humorísticos e, desse modo, foi possível avaliar a carga de preconceitos e estereótipos que a sociedade brasileira ainda carrega; seja como causa ou consequência do que é retratado na televisão.

Palavras-chave: homossexualidade; televisão; mídia; pós-modernidade.

1. Introdução

Durante o período clássico, na Grécia e Roma antigas, relacionamentos homossexuais eram encarados com naturalidade. Os grandes mestres da filosofia, lógica e política da época eram responsáveis por introduzir seus discípulos (jovens cidadãos) ao mundo da intelectualidade, da afetividade e às experiências carnavais. Na verdade, o que causava estranhamento não eram as relações homossexuais, mas a ausência delas – o grande estadista ateniense Péricles, por exemplo, era considerado excêntrico por não sentir atração por jovens e belos rapazes.

Com a chegada do Cristianismo e seus dogmas contextualizada à conjuntura da época, a homossexualidade começou a ser fortemente estigmatizada. A prática homossexual era, então, comum a povos considerados pagãos, como os praticantes das antigas religiões politeístas e, desse modo, a discriminação da postura homossexual

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Jornalismo da Facom-UFPA, email: cortezflavia@hotmail.com

³ Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Publicidade da Facom –UFPA, email: natalia.rodrigues@gmail.com

⁴ Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Jornalismo da Facom –UFPA, email: paola.caracciolo@gmail.com

⁵ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social da Facom-UFPA, email: rosaly@ufpa.br

⁶ Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Publicidade da Facom-UFPA, email: tomazpenner@gmail.com



aparecia como maneira de diferenciar os cristãos dos demais. Condenar os hábitos do período clássico nada mais era que um meio de tentar mostrar a moral cristã e a singularidade ética dos seus seguidores.

Com o passar dos séculos, a homossexualidade continuou a ser execrável. Durante o Período Feudal, por exemplo, a Igreja atuou fortemente na caça aos homossexuais. É claro que isso não aconteceu por acaso. Nessa época, mais da metade das terras européias pertenciam à Igreja Católica. Desse modo, ela era a maior beneficiária do sistema econômico feudal, que se baseava na exploração camponesa. E que senhorio tem interesse que a massa de trabalhadores que lhe é subjugada diminua? Ora, a prática homossexual livre resultaria, possivelmente, em menos filhos para os camponeses e, conseqüentemente, na redução de mão-de-obra servil para os comandantes do jogo político-econômico vigente. O tempo seguiu, e a necessidade de procriação, para que terras dizimadas por guerras e epidemias fossem ocupadas, continuou forte. Já no século XIII, todos os adultos praticantes da sodomia seriam condenados à morte nas famosas fogueiras inquisitórias.

Com a formação das grandes cidades européias e o crescimento das idéias Renascentistas e posteriormente Iluministas, a homossexualidade passou a ter mais visibilidade. A tendência agora era quebrar os valores arcaicos e respeitar a liberdade individual. E a Igreja, nesse período, dava lugar às análises racionais e à luz da ciência. Foi então que começou a crescer o número de homossexuais assumidos, como grandes representantes das artes, da política, da literatura e de outras esferas do pensar.

Já no século XX, houve um ponto de transição bastante turbulento. Na medida em que os homossexuais ganhavam espaço na sociedade, regimes ditatoriais (mesmo que diametralmente opostos, por incrível que pareça como o socialismo Stalinista e o Nazismo de Hitler) perseguiram e condenavam a homossexualidade. De acordo com a antiga União Soviética, a homossexualidade era fraqueza e impedimento do bom desenvolvimento do proletariado. Já os nazistas condenavam os homossexuais à prisão perpétua em campos de trabalho forçado caso eles não concordassem, voluntariamente, com a própria castração. Nesse período, com o objetivo de salvar vidas que seriam tiradas devido às práticas homoafetivas, o próprio Freud ajudou a disseminar uma idéia preconceituosa: a de que a homossexualidade é uma doença e pode ser curada por meio da psicanálise.

É nesse período de valorização da individualidade e, ao mesmo tempo, de perseguição política, que os homossexuais começam a se organizar em guetos nas



grandes cidades. Essa organização veio da necessidade de interação com iguais em uma sociedade cada vez mais setorizada - o “estar junto” teorizado por Maffesoli -, e acabou culminando com a quebra de valores tradicionais. Dia 28 de junho, um bar chamado Stonewall, em Nova York, estava sendo “vistoriado” pela polícia. Uma mulher assumidamente lésbica resistiu à detenção (não se sabe a razão que justificava essa detenção) e foi agredida pelas autoridades. O fato gerou revolta nas cerca de duzentas pessoas que esperavam do lado de fora para entrar no bar (ele havia sido fechado para a vistoria). Os cidadãos entraram em confronto com a polícia, e, durante três dias, Nova York foi palco de protestos que reivindicavam, principalmente, a descriminalização da homossexualidade e a igualdade de direitos entre todos os cidadãos, independente de sua orientação sexual. Junto com movimentos feministas, os homossexuais deram origem ao que se chama hoje de Revolução Sexual.

Desde então, 28 de junho é o dia Internacional do Orgulho Gay e Lésbico. O movimento contou com o apoio dos hippies, defensores do amor livre e das liberdades individuais. Já na década de 1990, com o surgimento e alastramento da AIDS, os homossexuais começaram a se organizar massivamente e a ganhar certo apoio da sociedade. É nesse contexto que a homossexualidade ganha relativo espaço nas agendas sociais e deixa de ser assunto proibido na mídia. A partir disso, o presente trabalho analisa como a mídia retrata o tema e constrói a imagem do homossexual na sociedade contemporânea.

2. Mídia de Massa e Sociedade Individualista

Assim como os períodos históricos são divididos a partir de uma conjuntura político-social (como é o caso das relações homossexuais no decorrer da história), há também estudos referentes a determinados conjuntos de mudanças, evoluções e rupturas na sociedade e nos indivíduos. Por este motivo, a história da humanidade pode ser dividida, por exemplo, em 1ª Revolução Industrial, Iluminismo, Idade Média, Renascimento, Revolução Técnico-Científica etc. Cada período é delimitado por apresentar características complexas e particulares que o diferencia dos outros.

Atualmente, vive-se um momento de transição. Muita inquietação é gerada pela velocidade das transformações e pela aparente falta de sentido e profundidade das coisas. O dilema varia de autor para autor, cada um dá determinada parcela de certeza e denominação para o fenômeno. Os questionamentos giram em torno do que se tornou



usual chamar de pós-modernidade. Dentre as principais características deste período, está uma em especial: o controle do espaço social pelos meios de comunicação de massa.

Denominada “Sociedade da Informação”, a contemporaneidade é marcada pela soberania da mídia como mediadora dos indivíduos e todas as esferas da vida social. Há, portanto, uma mudança estrutural da esfera pública, que passa a corresponder fundamentalmente ao espaço controlado pelos meios de comunicação de massa, de forma rápida, intermediada e manipulada.

É necessário analisar o conceito de esfera pública proposto por Adorno e trabalhado por Habermas para se entender melhor as mudanças que serão tratadas.

Diferentemente da política concebida em Atenas, na Grécia Clássica - onde um número limitado de pessoas, os cidadãos, tinha acesso ao estudo e prática da política-, hoje, na chamada por Adorno de “sociedade de massas”, há uma desconexão entre os acontecimentos e os cidadãos. Esta desconexão está na mediadora mídia, que, valendo-se da atualização do conceito de Indústria Cultural, toma a população como uma massa consumidora e distorce os acontecimentos em prol do interesse dos pequenos grupos que a dominam.

A relação entre mídia e população feita por Adorno não está distante do pensado por autores mais recentes. É o que podemos ver no texto de Milton Santos:

“Conforme já vimos, as novas condições técnicas deveriam permitir a ampliação do conhecimento do planeta, dos objetos que o formam, das sociedades que o habitam e dos homens em sua realidade intrínseca. Todavia, nas condições atuais, as técnicas da informação são principalmente utilizadas por um punhado de atores em função de seus objetivos particulares. (...) Brigando pela sobrevivência e hegemonia, em função da competitividade, as empresas não podem existir sem publicidade, que se tornou o nervo do comércio.” (SANTOS, 2009, p.38).

É a partir desta relação entre a mídia, o lucro (publicidade) e o poder que se pode perceber outras características da pós-modernidade.

A ascensão da mídia na contemporaneidade e sua ligação com o lucro resulta em forte propensão ao consumismo e ao culto à imagem. A vida passou a ser mediada por imagens eletrônicas e a importância da imagem passou a ser fundamental para a própria existência, para que o objeto se faça real. Aparecer na mídia passou a significar ter uma legitimidade enquanto algo que realmente existe. É neste sentido de transmitir uma imagem para a população que qualquer pessoa, grupo ou instituição tem a preocupação



e o interesse em aparecer na televisão ou em outros veículos de comunicação. A situação não se difere com os homossexuais.

Outro tópico em ascensão dentro dessa conjuntura é o consumismo. Os meios de comunicação, como representantes da indústria cultural proposta por Adorno, vêem a população como meros consumidores. Outros autores falam dessa relação: Bauman, por exemplo, afirma que “a sociedade pós-moderna envolve seus membros primariamente em sua condição de consumidores e não de produtores” (BAUMAN, 2001, p.90).

Assim, percebe-se o quanto a mídia pode ser, e é, ditadora. Ela se tornou a principal mediadora e legitimadora da realidade, mas tem sua orientação pautada no lucro e nos interesses de uma hegemonia da comunicação. Desse modo, pode-se compreender melhor o espaço cada vez maior dos homossexuais na agenda midiática. Há interesse do grupo em se legitimar, mas há também interesse da mídia em conquistar o “público” homossexual enquanto consumidor, em uma perspectiva de expansão mercadológica. Existe, inclusive, uma expressão para a publicidade voltada a este público, denominada *Pink Money*.

Nesse contexto, surge também a idéia de identidade formada a partir da interação em determinado grupo. A necessidade de se encontrar de alguma maneira não está mais pautada em relações pré-estabelecidas por moderadores modernos como a família, a escola e a política. Cada vez mais, o mundo do consumo e da globalização oferece maior variedade de organizações e lutas fragmentadas, onde as identidades se agrupam e reagrupam.

É nesse sentido que vários pensadores, como Deleuze, refletem sobre a questão das diferenças e das identidades e sua estreita conexão com as relações de poder. Onde existe diferenciação, (ou seja, identidade e diferença), está presente o poder. A diferenciação é o processo central pelo qual a identidade e a diferença são produzidas.

Existem vários outros enfoques para a identidade, como o trabalhado por Bauman, que a relaciona mais diretamente com o consumismo. Entretanto, quando se busca relacionar a identidade dos homossexuais como luta social, percebe-se que ela está pautada em uma relação de poder com as outras esferas da sociedade civil e com a mídia, tentando se definir e se diferenciar. Nestor Garcia Canclini observa esse fato ao afirmar que “...a experiência dos movimentos sociais está levando a uma redefinição do que se entende por cidadão, não apenas em relação aos direitos a igualdade mas também em relação aos direitos a diferença” (CANCLINI, 2005, p.22).



Esta afirmação está na base da característica da fragmentação das identidades e das lutas sociais na sociedade pós-moderna.

“Os movimentos sociais tendem a ser fragmentados, locais, com objetivos únicos e efêmeros, encolhidos em seus mundos interiores ou brilhando por apenas um instante em um símbolo da mídia. Nesse mundo de mudanças confusas e incontroladas, as pessoas tendem a reagrupar-se em torno de identidades primárias: religiosas, étnicas, territoriais e nacionais” (CASTELLS, 1999, p.23).

É esse contexto que caracteriza a pós-modernidade enquanto período que encerra as meta-narrativas, desmantelando grandes parâmetros formadores de identidade, como as classes, e fragmentando a própria existência humana: homem/mulher, orientações sexuais, significação e disputas de discursos, políticas de identidade, etc.

A partir do histórico da homossexualidade e da contextualização da importância dos meios de comunicação de massa na sociedade contemporânea e suas características, será analisada a representação midiática dos homossexuais nos programas humorísticos e nas telenovelas da televisão aberta brasileira.

3. A Representação Homossexual nos Programas Humorísticos

Ao longo do tempo, pôde-se observar crescente presença de personagens homossexuais em programas humorísticos na televisão aberta brasileira. Apesar disso, o debate sobre como este instrumento midiático retrata e constrói a imagem gay no Brasil é insipiente.

Fato perfeitamente compreensível é a cada vez maior aparição dos homossexuais não só nos programas de humor, mas na televisão de modo geral. Com o aumento das liberdades individuais proporcionado na contemporaneidade, inclusive na esfera das relações humanas, é natural que se abra mais espaço para setores sociais antes ignorados. Entretanto, é perceptível que um modelo justo e igualitário de sociedade ainda é utopia, e a realidade não condiz com a representação midiática clamada pelo movimento gay.

Para comprovar a tese, basta fazer uma análise sob a forma, primeiramente, de um apanhado histórico geral de como tem sido a abordagem do tema “homossexualidade” nos programas de humor.

O estudioso João Silvério Trevisan esclarece que as primeiras aparições de homossexuais na televisão brasileira surgiram na década de 1970, com personagens e



quadros discretos, como em *Os Trapalhões* (principalmente com o personagem Zacarias, que demonstrava alguns trejeitos femininos, além de se vestir como mulher eventualmente) e o personagem de Chico Anysio, o pai-de-santo Painho. Este segundo revela-se mais excêntrico, ficando explícita a sua tendência homossexual. Importante é lembrar também de personagens da década de 1980, tal qual o Capitão Gay (vivido por Jô Soares), um personagem que chama atenção pela notória caricaturização. O Capitão Gay era extremamente “rasgado”, sendo todo o humor do quadro dependente dessa condição.

Ainda na mesma década, pôde-se notar a presença de uma personagem lésbica na televisão brasileira, no famoso programa *TV Pirata*. Era vivida por Cláudia Raia, e já era possível perceber nessa época o estereótipo ao redor das lésbicas também. Isso porque Tonhão (a personagem em questão) era uma presidiária extremamente masculinizada, que cumpria pena por centenas de estupros. Cabe aqui ressaltar que estes personagens foram alvo da ditadura, que tentava censurá-los pelo “decoro familiar”. Além disso, é possível notar que a escolha da mulher bonita para representar uma lésbica na televisão tem o claro interesse de criar um ar fetichista para a audiência masculina.

Nessa retrospectiva, nota-se que a presença de homossexuais na mídia anteriormente era discreta, o que pode ser justificado pela ausência de liberdades individuais da então conjuntura, posterior e gradativamente revogadas pela pós-modernidade. Não havia cenário ou um espaço claramente definido dos homossexuais nos holofotes da mídia. E nos espaços que se abriram, já se podia ver o homossexual caricato, produzido para ser cômico, o que acaba por atingir e generalizar todo e qualquer indivíduo homossexual.

Na contemporaneidade, pode-se ver uma mudança nesse quadro, mais intensamente ainda nos últimos cinco anos. Isso porque na medida em que a pós-modernidade se estabelecia enquanto paradigma, os povos dos guetos e as minorias também se fortaleciam. Vários estudiosos afirmam que na pós-modernidade quem ganha realce são os sujeitos excêntricos. E tudo que ocupa a posição central é tomado como não-problemático, e o que está na margem, fora do centro – exatamente o excêntrico –, seria o problemático. Os marginalizados, no entanto, começaram a contestar a universalidade implícita nessa afirmação. Eles defenderam, então, que são excêntricos não por serem estranhos, e sim por terem outro centro. Explica Guacira Lopes Louro:



“Tudo isso que estou dizendo não significa afirmar que, nesses tempos pós-modernos, o centro tenha deixado de ser atraente ou tenha se tornado desimportante, de modo algum. Ele continua lá, reconhecido e sedutor, mas o que acontece agora é que se passa a acentuar o seu caráter de ficção. Passa-se a reconhecer que a posição central é uma invenção, não é uma posição “naturalmente” dada, é, sim, uma posição historicamente construída como tal. A noção de centro passa a ser desafiada e contestada, na contemporaneidade, por muitas frentes. Não se trata propriamente, ou não se trata somente, de pôr em questão o sujeito masculino, branco, heterossexual. É mais do que isso: o que se passa a questionar é toda uma noção de cultura, ciência, arte, ética, estética, educação que, associada a esse sujeito, usufruiu, ao longo dos tempos, de um modo praticamente inabalável e abrangente, a posição privilegiada em torno da qual tudo mais gravita.” (LOURO, 2009, p.01).

As mudanças trouxeram diferenças na quantidade de exemplos homossexuais inseridos nos programas de humor atualmente. No geral, pode-se continuar lamentando o caráter caricato presente entre esses personagens. São pessoas que usam roupas *rosa-shock*, e de personalidade quase sempre espalhafatosa e escandalosa. As lésbicas, por sua vez, sempre passam uma imagem extremamente masculinizada. Os programas não têm intuito de aprofundar um debate ou demonstrar como os homossexuais são de fato; apenas exploram a segmentação social à procura de audiência.

O que não é televisionado é que os homossexuais têm um dia-a-dia, estudam, trabalham, não são apenas piadas, gritos, bordões e sorrisos. De acordo com a pesquisa do jornalista Irineu Ramos, essa abordagem negativa acontece devido à manipulação do poder. Existe um poder hegemônico (branco, heterossexual, masculino, judaico-cristão) que determina todas as relações; eles ditam condutas para todas as pessoas. Nesse ponto, chega-se a uma conclusão inevitável: quando a mídia insere alguma minoria (no caso, os homossexuais) em programas humorísticos, ela está objetivando responder às pressões da sociedade, que cobra a retratação dos seus segmentos, dos excêntricos.

É possível citar vários humorísticos recentes com personagens homossexuais, como o Programa A Praça é Nossa, do SBT, que inclusive já contou com uma travesti (Vera Verão); o Programa Casseta & Planeta (e sua famosa sauna gay); o Programa Zorra Total (as personagens homossexuais são muitas); o Programa Toma Lá Dá Cá (que teve uma personagem lésbica); o Programa Pânico na TV! (com seu repórter Christian Pior, que apresenta um quadro chamado Meda!); o Programa Show do Tom (que traz o assumidamente gay Amin Khader), entre outros menos famosos na TV brasileira.

Todos os programas citados apresentam o caráter caricato anteriormente explicado, fazendo uso de tons róseos, trejeitos afeminados, gestual espalhafatoso, entre vários



outros estereótipos. Os exemplos são muitos, mas para fins de análise, serão destacados alguns em particular.

Começemos pelo Patrick, personagem do Programa Zorra Total, da Rede Globo. É uma figura afeminada, apesar de seu primo sempre o pressionar para afirmar sua “masculinidade”. No quadro, Patrick tem até uma noiva para esconder a sua sexualidade, como se ser gay fosse motivo de vergonha. Patrick é dono de bordões famosos pelo Brasil inteiro, o que comprova o sucesso do quadro, apesar da representação condenável (ex: “Olha a faca!”, “Não mexe com quem tá quieto”). Cabe ressaltar que sucesso não é sinônimo de aprovação, e como era de se esperar, já houve muitas tentativas de retirar o quadro do ar por parte de organizações LGBT. Um gay que tem uma noiva só para satisfazer os anseios das pessoas ao seu redor é uma realidade cada vez menor na sociedade contemporânea - e é certo que a mídia televisiva, até agora, não leva nenhum crédito por essa conquista. Em outro quadro do mesmo programa, vê-se situação semelhante, na qual um pai (Don Gorgonzola) tenta esconder do resto da família que seu filho (Frescone) é gay. Ainda com o mesmo *approach*, há um quadro famoso em que o pai questiona: “Onde foi que eu errei?”, enquadrando como um erro seu a condição sexual do seu filho gay. Essa situação demonstra a opressão que um homossexual pode sofrer dentro do seu lar, por parte de sua própria família, e é uma tentativa clara de inibir e demonstrar como errada a orientação homossexual.

4. A Representação Homossexual nas Telenovelas

A análise de personagens homossexuais nas telenovelas brasileiras é algo imprescindível para se observar o modo como o grupo é representado pela mídia (principalmente a brasileira), os estereótipos criados e se a televisão exerce realmente seu papel de “voz” da sociedade, representando, inclusive, os grupos minoritários.

Segundo Leandro Colling, no artigo *Homoerotismo* (2007), a primeira aparição de um personagem homossexual na Rede Globo foi na novela Rebu, exibida de 4 de novembro de 1974 a 11 de maio de 1975, onde a homossexualidade é relacionada com a violência, assim como em O Astro, outra novela exibida pela emissora. Assim como esses folhetins, outros também abordaram o mesmo tema de diversas maneiras. Uns relacionam a homossexualidade à violência, como já citado, outros estereotipam os



homossexuais como seres afeminados, assassinos, e mantendo relações completamente vazias, sem carinho ou intimidades.

Analisando as várias representações feitas pelas novelas, é possível destacar uma em especial: A Próxima Vítima, exibida também pela emissora Rede Globo, na qual os personagens não eram caricaturados. Segundo Trevisan (2004), o casal gay nessa novela só foi retratado devido a pesquisas que indicavam o alto poder de consumo médio dos homossexuais e que também revelavam o crescimento da audiência. A mídia e os anunciantes, ao perceberem isso, passaram a explorar como puderam o novo nicho mercadológico, para ganhar mais público, aumentando assim seus lucros.

Já no século XXI, a Rede Globo passa a criar a fórmula de homossexuais caricatos e homossexuais livres de estereótipos, como se pode observar no personagem de Marco Pigossi, o Cássio da novela Caras e Bocas. O personagem é conhecido por ser homossexual, porém, no decorrer da trama mantém uma relação amorosa com uma mulher, mas continua com o jeito efeminado. Cássio é conhecido pelos seus famosos bordões como “To rosa chiclete!”, “To roxo berinjala!”, dentre outros. Aguinaldo Silva, autor de varias novelas da Rede Globo, declara em uma entrevista: “no começo, os personagens usavam uma linguagem cifrada de homossexuais. Hoje, as gírias gays são constantes”. Não é a primeira vez que a Rede Globo exhibe um personagem notoriamente homossexual que “muda de time” para a heterossexualidade, como se a orientação sexual fosse uma escolha.

Uma característica marcante e atual nos personagens gays assumidos nas tramas da Rede Globo é que todos são bonitos, bem sucedidos, apreciadores de arte e se vestem muito bem. Essa nova tendência da emissora coincide com a representação de homossexuais dentro de seriados americanos. Além disso, vivem em um mundo de fantasias, onde todos os aceitam e eles próprios não problematizam a sua sexualidade. Essa retratação não condiz com a realidade, pois nos roteiros os gays não sofrem nenhum tipo de discriminação, não são respeitados, e mesmo os casais homossexuais não mantêm nenhum tipo de contato íntimo ou afetivo.

Apesar de aparentemente liberais, as emissoras ainda censuram cenas mais íntimas entre personagens homossexuais. Essa característica é evidenciada na polêmica criada em torno do beijo entre os personagens da novela “América”, Zeca e Junior. Parte da sociedade, principalmente grupos ligados à igreja, mobilizou-se para impedir que o beijo fosse ao ar.



O que ocorre realmente é que não há representação do universo gay. A televisão brasileira não retrata os representantes dessa minoria como as pessoas comuns que são, pessoas reais com uma vida real. Ao contrário: cria estereótipos. Como consequência da criação desses estereótipos pela mídia, observa-se que são ditadas condutas para todas as relações, pois em vez de reconhecer na ficção da tela um reflexo da vida real, cada vez mais se avalia a própria vida segundo o grau no qual ela satisfaz as expectativas narrativas criadas pelas telenovelas, filmes entre outros produtos midiáticos.

5. Considerações Finais

Como exigência da superestimação das liberdades individuais da pós-modernidade, diversos assuntos deixaram de ser tabu para garantirem algum espaço de debate na mídia. Entre esses grupos, estão minorias oprimidas pela sociedade. A princípio, esse espaço conquistado parece ser positivo. Ora, a linguagem das telenovelas, da publicidade etc ajuda a construir e fortalecer a identidade de um grupo. A televisão, em última instância, normatiza as ações humanas e sociais, dá parâmetros para a definição de certo e errado, dita comportamentos e define as causas pelas quais determinado setor deve lutar.

A partir da pesquisa de programas que tratam a homossexualidade no Brasil e da análise de teóricos, principalmente da pós-modernidade, foi possível definir alguns padrões para a representação dos gays no país. Na verdade, esse espaço, apesar de suprir as demandas sociais pela representação das minorias e respeitar, desse modo, a individualidade humana, não tem cumprido o papel ao qual aparentemente se propõe. Longe de ser a esfera pública pretendida, a televisão não é espaço de debate. É palco de representações que obedecem aos interesses dos donos do dinheiro.

Na verdade, as personagens homossexuais representadas na televisão cuidam não de mostrar a própria realidade, os dramas e o preconceito, mas de reafirmar estereótipos incrustados na sociedade brasileira. Por meio de homossexuais caricatos, enrustidos, que não demonstram qualquer tipo de afeto ou plenamente aceitos por todos ao seu redor, a mensagem é clara: é melhor você não ser gay. Mas, se for, seja um gay adaptado, siga os padrões heteronormativos, contenha-se.

Desse modo, a segmentação social que ganhou força e voz e conseguiu garantir a inserção homossexual na mídia vem, na verdade, sendo ainda mais segregada por conta da própria mídia. Ao invés da diversidade, o que se tem observado são representações



taxativas, desumanas, conservadoras. Daí surge a questão: como pode-se supor uma democratização dos conteúdos midiáticos? Na verdade, essa democratização não existe. É um embuste. Simplesmente veicular conteúdos que representem as minorias não é algo positivo. Deve-se pensar, na verdade, no tipo de representação das minorias que está sendo feita. Com certeza, a representação dos homossexuais não é a ideal; na verdade, ela cumpre o papel contrário ao que originalmente deveria se propor. Ela reafirma as antigas verdades que há muito ditam as regras do jogo social no qual vive a humanidade.

6. Referências

- TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso: A Homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. Rio de Janeiro, São Paulo: Ed. Record, 2004.
- ADORNO, Theodor W. **Textos Escolhidos**. In: Coleção Os Pensadores. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 1996.
- HABERMAS, Jürgen. **Mudança Estrutural da Esfera Pública**. Investigação quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro, 1984.
- SANTOS, Jair Ferreira. **O que é pós-moderno?** In: Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Ed. Nova Brasiliense, 1989.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. Do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Ed. Record 2009.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1999.
- MORAES, Dênis. **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2006.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2001.
- CANCLINI, Néstor. **Consumidores e Cidadão**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2005.
- LOURO, Guacira Lopes. **Feminilidades na Pós-Modernidade**. Disponível em: <http://vsites.unb.br/ih/his/gefem/labrys10/riogrande/guacira.htm> Acesso em: 12/12/2009, 17:32h.
- RAMOS, Irineu. **Homossexualidade em novelas e programas humorísticos**. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=NKQ3wy9Oqfc>. Acesso em 12/12/2009, 16:23.